

BOA NOITE BOA VISTA: TEATRO, LUGAR DE ESCUTA E EMPATIA

Por Julia Guimarães¹

A fala franca, diretamente endereçada à plateia, que aposta no uso da primeira pessoa como forma de suscitar proximidade e abertura à escuta, foi um mote que atravessou diferentes espetáculos nesta 37ª edição do Festivale. Direcionado a assuntos diversos, como a ancestralidade (*Casa 66*), a prática da crítica (*Museu sem fim de 1976*) e a existência travesti (*Vienen por Mí*), o procedimento adquiriu um delicado desdobramento em *Boa noite Boa Vista* (SP), apresentado no último dia da programação do festival (domingo, 10 de setembro).

Com texto e atuação de Eduardo Mossri e direção de Antonio Januzelli, a montagem recria uma viagem feita pelo ator em 2020 à cidade de Boa Vista (Roraima), pouco antes do início da pandemia, onde conheceu e colheu relatos de refugiados que, diariamente, chegam ali. Com foco no trabalho de atuação e na força narrativa de cada história, *Boa Noite Boa Vista* faz do teatro um dispositivo para tecer relações de escuta e empatia com a plateia. Trata-se de uma premissa que parece ter surgido de uma das primeiras perguntas que Mossri direcionou a si mesmo ao chegar na capital de Roraima: “O que um ator pode fazer para ajudar?”.

Após assistir ao espetáculo, é possível supor que o sofisticado trabalho técnico e expressivo do artista está inteiramente construído a serviço dessa proposição ética. A “ajuda”, no caso, diz respeito ao investimento na sensibilização da plateia para a situação dos refugiados que, muitas vezes, nos chega apenas via reportagens um tanto sensacionalistas e superficiais. A partir de uma encenação que não conta com cenários, e sim, com todos os recursos possíveis vindos do corpo e da voz de um

¹ Crítica teatral, professora, pesquisadora e jornalista. É coeditora do site Horizonte da Cena (horizontedacena.com), pós-doutora em Artes Cênicas pela UFMG e concluiu seu doutorado na USP, com pesquisa em teatro contemporâneo.

ator, o que vemos, na obra, é uma sucessão de histórias colhidas dessa passagem de um mês por Boa Vista.

Histórias de quem acabou de ter um filho e possui muito pouco para lhe oferecer; de quem precisa construir couraças para conseguir trabalhar em contato direto com os refugiados; histórias que surgem dos abrigos para onde vão essas pessoas, muitas delas negras e indígenas; ou, ainda, a inusitada narração sob o ponto de vista de uma argola de brinco que cruzou a fronteira na orelha de uma mulher refugiada. Em todos esses episódios, a dramaturgia escrita por Mossri dá a ver justamente aquilo que os relatos habituais deixam de lado sobre os refugiados, como seus anseios, seus afetos, além de seu cotidiano mais capilar.

Outra premissa de *Boa Noite, Boa Vista* é a valorização do ato de ouvir. Como conta o ator, o que ele mais fez ao chegar na capital de Roraima foi ouvir as difíceis histórias dos refugiados, muitas delas recriadas na montagem. “Ouvir é dar valor ao outro”. “Ouvir é um jeito de ser no mundo e de como nos colocamos na vida” – comenta durante a peça. Da mesma forma que ouviu, Mossri agora convida a plateia tanto a escutá-lo como também a *imaginar* as situações narradas.

Já em outras passagens, o ator se coloca novamente em situação de escuta. A primeira é quando convida o público, antes mesmo de iniciar o espetáculo, a lhe dizer “de onde vem” e “o que deseja para o mundo”. Aqui, a escuta faz da cena o lugar da expressão de uma coletividade, já que os desejos colhidos são enunciados, posteriormente, pelo ator em voz alta. A outra sequência relacionada ao ato de ouvir trouxe a participação da atriz congoleza Prudence Kalambay e de uma senhora da plateia que nos contou ser descendente de espanhóis. Na apresentação realizada no Centro de Estudos Teatrais (CET), ambas compartilharam conosco suas histórias de migração e cantaram músicas relacionadas a essa lembrança, num dos momentos mais tocantes do espetáculo.

É também pelo viés autobiográfico que Eduardo Mossri nos conta que a viagem a Boa Vista simbolizou, ainda, um vínculo estreito com suas próprias dores. “Um chamado me chamou para ser tocado pela dor do outro, guardei a minha e fui”. Nessa passagem, o caráter altruísta de ouvir e ajudar outras pessoas adquire uma inversão/ampliação ética. Ajudar os demais passa a significar, de algum modo, o

gesto de sair de si, de encontrar transcendência no próprio sofrimento pela abertura (aqui novamente) da própria escuta a quem necessita ser ouvido.

Nesse jogo de alteridades, *Boa Noite Boa Vista* colabora para dar a ver um problema global e sistêmico que, a despeito de sua gravidade, tem sido constantemente invisibilizado, como é o caso da situação dos refugiados. Além disso, o espetáculo traz vínculo estreito com o contexto histórico da última década, no qual a xenofobia que tem ganhado força com a ascensão da extrema direita e do fascismo pelo mundo. E o faz não pela via da discursividade, mas da criação poética calcada na célula mais basilar do teatro: a atuação. Com isso, valoriza a experiência cênica como *locus* privilegiado para a projeção da escuta e da empatia.